

CULTURA EM CAMPO: ENTRE O ELITISMO E A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL

(1897-1938)

LUCAS DE CARVALHO CHEIBUB*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de popularização do futebol na sociedade do Rio de Janeiro durante a Primeira República. Tendo como base trabalhos historiográficos e sociológicos, busca-se remontar à tentativa frustrada da elite carioca de restringir aquela prática esportiva para si. Assim, ao mesmo tempo que traz à luz as vias legais ou ideológicas da elite, recorre-se a conceitos caros da História da Cultura para analisar a difusão do esporte sobre o espectro de disputa e enfrentamento. Por fim, pretende-se reafirmar a posição crítica da historiografia cultural.

Palavras-chave: Futebol; Rio de Janeiro; História da Cultura.

ABSTRACT

The present work has as objective analyze the process of dissemination of football in the society of Rio de Janeiro during the First Republic. Based on historiographical and sociological works, it seeks to reassemble the frustrated attempt of the Carioca elite to restrict that sport practice to itself. Thus, at the same time it brings to light the legal or ideological routes of the elite, expensive concepts of the Cultural History are used to analyze the diffusion of the sport on the spectrum of dispute and confrontation. Finally, it intended to reaffirm a critical position of cultural historiography.

Keywords: Football; Rio de Janeiro; Cultural History.

*Graduando em Licenciatura em História na Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: lucas.cheibub@gmail.com

Introdução

“O Brasil é o país do futebol”. Essa expressão, consagrada nacional e internacionalmente, é resultado de uma imagem produzida – ou mesmo forjada – de um povo que parece ter nascido com as bolas nos pés¹. De fato, o futebol é, pelo menos hoje em dia, o esporte nacional. Contudo, nem sempre foi assim. Momento de descontração e espaço de sociabilidade da elite, o “football” era um esporte destinado às classes altas brasileiras no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Quando operários, negros e demais membros das classes baixas começaram a praticar o jogo, a elite tentou impedir. Não conseguiu. O “football” virou “futebol”: o esporte se popularizou.

Para elucidar esse largo processo conflituoso, no qual a elite tentava restringir o acesso ao esporte, buscarei retomar brevemente a discussão, já feita por historiadores como Raquel Soihet² e Gustavo Santos da Silva³, e pelo célebre jornalista Mário Filho⁴, da disputa sobre a posse do futebol nos últimos anos do século XIX até finais dos anos 30 no Rio de Janeiro. Dessa forma, no presente trabalho, buscarei mostrar que o futebol, enquanto objeto de estudo, pode ser utilizado como ferramenta reflexiva para entendermos conceitos chaves caros à História da Cultura⁵, como “cultura popular”, “circularidade cultural” e “apropriação cultural”. Por fim, pretendo evidenciar que a História da Cultura não deve ser encarada como campo de curiosidades, mas sim como um recorte historiográfico crítico que possui relações com os outros além de auxiliar na compreensão sobre o complexo tempo passado.

Entre o Elitismo e a Popularização do Futebol na Primeira República

Um dos maiores perigos de trabalhar com a História da Cultura⁶, ou mais precisamente com a cultura popular, é definir esse conceito a fim de analisá-lo enquanto objeto de estudo. Dessa maneira, Roger Chartier⁷, famoso historiador francês, indica alguns cuidados metodológicos fundamentais para essa análise. O primeiro desses cuidados é perceber como a “cultura popular é uma categoria erudita”⁸. Assim, o historiador francês sinaliza para uma simplificação de duas definições acerca do conceito. A primeira delas concebe a cultura popular como um sistema simbólico autônomo da sociedade, um universo à parte da cultura letrada. A segunda delas interpreta dependências e carências na cultura popular em relação à cultura erudita.

Para além dessas duas concepções rígidas e simplistas, que de um lado interpreta a cultura popular como algo descolado da realidade e, de outro, como um conjunto de ações que se operam com referência no modelo de cultura erudita, Chartier ainda indica o perigo

1 A título de exemplo de como essas imagens e representações são construídas: RINALDI, Wilson. “Futebol: manifestação cultural e ideologização.”, Maringá: *Revista da educação física/ UEM*, v. 11 n.1p. 167-172, 2000.

2 SOIHET, Raquel. “O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania” In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

3 SILVA, Gustavo Santos da. *Os proletários da bola: The Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República (1894-1933)*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

4 FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

5 PESAVENTO, Sandra Jatohy. *História e história cultural*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

6 SOIHET, Raquel. “Introdução” In: ABREU, M. SOIHET, R. (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

7 CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico”, *Revista Estudos Históricos*, vol. 8, nº16. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1995.

8 *Ibidem*, p.179.

de tratar determinado objeto como elemento folclórico e idealizado. Na mesma linha que o historiador, Mário Filho, jornalista que empresta o nome oficial ao estádio Maracanã, alertava para o mesmo perigo:

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca⁹.

Considerado por muitos como um dos clássicos que interpretam o país, ao lado de *Casa Grande e Senzala*, entre outros, “O negro no futebol brasileiro” começa com tais indagações. Elas acenam para o perigo da procura pela época de ouro de determinado objeto. Ora, se a época do ouro do futebol brasileiro, de sua “raiz” folclórica, era formada somente por homens brancos da elite, ela necessariamente excluía a maior parte da população. Por isso o jornalista já desconfiava, em 1947, que essa época era saudosa apenas para um grupo social.

Para este segmento social, composto por homens brancos e da elite carioca ou seus simpatizantes, o esporte deveria ser, assim, excludente. De fato, no seu início era bastante. A começar pela sua “paternidade”, o futebol surge no Brasil, conforme se costuma dizer, com dois jovens privilegiados, Oscar Cox e Charles Miller¹⁰, que foram estudar na Inglaterra e trouxeram o esporte para sua terra natal¹¹ por volta de 1890. Em um país no qual boa parte da população não sabia ler e escrever¹², estudar na Europa e ter pai fundador do Rio Cricket de Niterói, como é o caso de Oscar Cox, ou pai vice-cônsul da coroa britânica, caso de Charles Miller¹³, dizia muito sobre a origem brasileira do esporte. Para além disso, os nomes das posições eram todos em inglês¹⁴ e os jogadores de origem europeia¹⁵. Mesmo em relação à filiação aos clubes de futebol ou que jogavam futebol, percebe-se um caráter altamente elitista, pois se cobrava, em geral, uma mensalidade alta: no caso de Botafogo, 2\$000; essa quantia correspondia ao dobro da exigida pelo Bangu, time considerado mais popular¹⁶. Não obstante, a arquibancada, as roupas dos jogadores, os jantares e tudo mais em volta do “football” constituíam verdadeiros elementos de distinção de classe, conforme defende Gustavo Santos da Silva:

As arquibancadas constituíam verdadeiros desfiles de moda, onde as moças da alta sociedade se produziam para observar o jogo após as missas de domingo, os jogadores soltavam gritos de guerra que haviam aprendido com os “professores” ingleses (hip, hip, hurrah!), o juiz era o fino da elegância com seu paletó escuro e sua calça de flanela. Após os jogos, famílias renomadas como a Hime, Sodré ou o barão Wernerck preparavam festas aos seus filhos jogadores com saraus musicais que adentravam a noite em salões espaçosos¹⁷.

9 FILHO, Mario. *op. cit.* p.29.

10 Apesar da visão tradicional, que atribuí o surgimento do futebol no Brasil às figuras de Charles Miller e Oscar Cox, Hilário Franco ressalva a existência de registros anteriores que confirmam a prática do esporte pelo menos desde 1878, quando se disputou uma partida em frente à residência da princesa Isabel no Rio de Janeiro. FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.61-62.

11 Segundo Gustavo Santos da Silva, Oscar Cox decide formar um time de futebol para o bairro de Botafogo, no qual somente jogavam jovens estudantes ricos, no ano de 1897. Utilizarei esta data simbólica como marco para nossa análise que está centrada na cidade do Rio de Janeiro. SILVA, Gustavo Santos da., *op. cit.*, p.100.

12 Dados que sustentam essa afirmação podem ser encontrados na obra “Os bestializados: o rio de janeiro e a república que não foi”, de autoria de José Murilo de Carvalho.

13 SILVA, Gustavo Santos da., *op. cit.*, p.100-101.

14 Na mesma ordem que Mário Filho coloca, as onze posições num time: *goalkeeper, fullback-right, fullback-left, half-back-right, center-half, half-back-left, winger-right, inside-right, center-forward, inside-left e winger-left*.

15 A título de exemplo segue a escalação do Rio Cricket segundo Mário Filho: A. L. Sutfield, E. A. Tootal, G. Reither, T. Moreno, C. Calvet, E. Kirby, L. F. Garton, F. Slade, Conrado Mutzembercher, F. Millar e J.F. Monteith.

16 SILVA, Gustavo Santos da., *op. cit.*, p.108.

17 SILVA, Gustavo Santos da., *op. cit.*, p.109.

Contudo, apesar de suas raízes elitistas e estrangeiras, o futebol, como qualquer outra prática cultural, não podia estar reservado apenas para determinado segmento social. Sem o propósito de fazer uma longa análise do respaldo popular sobre o esporte, analisarei aqui alguns casos concretos para compreender melhor o conceito de apropriação cultural e circularidade cultural. O primeiro deles é sobre o *The Bangu Athletic Club*, o time da fábrica de tecidos de Bangu. Assim como os outros clubes, suas origens são europeias: o time é fundado a partir dos mestres tecelões ingleses que desejavam manter suas práticas culturais. Contudo, para se formar dois times, ou seja, pelo menos 22 jogadores se enfrentando, o time se compunha não unicamente de ingleses, mas principalmente dos trabalhadores da fábrica. Ainda, era pouco provável que a elite carioca ocupasse esse espaço: era necessária uma longa viagem de trem para chegar ao bairro. Nesse sentido, o Bangu foi o primeiro clube popular na cidade do Rio de Janeiro, formado por trabalhadores e jogadores negros – um absurdo para a época¹⁸.

Aos olhos da elite, a presença do Bangu Athletic Club, dos jogadores negros ou pessoas comuns praticando aquele esporte era uma espécie de “invasão de campo”; afinal, conforme expressava o *Sport*, novo periódico carioca, logo no seu primeiro número, datado de 6 de agosto de 1915: “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. Se formos obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”¹⁹. Para Hilário, naquela sociedade carente de cidadania e igualdade jurídica universais, se submeter às mesmas regras que jogadores das classes subalternas ou mesmo dividir as canchas com eles era inadmissível para a elite carioca²⁰.

Nesse sentido, na luta pela defesa de seu espaço cultural e social limitado, conforme aponta Raquel Soihet, nota-se algumas vias que catalisaram a força elitista. A primeira delas era o discurso higienista²¹ criado por farmacêuticos, químicos e médicos que saíam em favor da prática esportiva, mas acreditavam, apenas como exemplo, que devia ser restrito para a “mocidade mais preparada, pois os demais, carentes de recursos, tinham de praticá-lo em terrenos de terra batida e a grande quantidade de poeira [...] dava lugar à ruína do corpo”²².

A segunda via era a institucionalização do futebol mediante a formação da Liga Metropolitana em 1905, organização que não só estabeleceria as regras do jogo, mas também sistematizava quem poderia jogá-lo. De acordo com a análise de Soihet, podemos caracterizar esse traço por duas medidas principais tomadas pela Liga: a decisão, em 1907, de não aceitar “pessoas de cor” nos campeonatos organizados por ela; e a homologação da Lei do Amadorismo, regra que proibia o acesso às ligas para quem tirasse seus meios de subsistência mediante a trabalho braçal²³.

A terceira via pode ser marcada pelas crônicas esportivas ou jornalísticas que atacavam às classes sociais mais baixas que invadiram um dos espaços da elite carioca. Nas páginas esportivas destacava-se o vestuário dos jogadores do Fluminense²⁴, criticava-se o

18 *Idem*.

19 FRANCO JR., *op.cit.*, p.63.

20 FRANCO JR., *op.cit.*

21 O discurso higienista é mais conhecido por ter dado algum respaldo às Reformas Urbanas e à vacinação obrigatória no ano de 1904. Novamente, a obra de José Murilo de Carvalho serve como referência para se entender, em parte, esse discurso.

22 SOIHET, Raquel. “O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania” In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs). *O Brasil Republicano*. Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

23 *Idem*.

24 Mário Filho destaca em seu livro o modo de viver dos jogadores tricolores muito apreciado pelas classes altas cariocas e paulistas.

vestuário inadequado dos torcedores²⁵ segundo o olhar elitista, e, ainda, idealizava-se um modelo moderno de torcedor fidalgo, o chamado *sportman*²⁶, conforme aponta o jornal Gazeta de Notícias, do dia 13 de maio de 1906, após um jogo teste entre o time de Bangú e o Riachuelo:

No match de foot-ball, ultimamente jogado entre os clubs Riachuelo e Bangú, sócios deste club, como espectadores vaiaram os jogadores. Seja-nos permitindo dizer que estes espectadores não são sportmens, e appellamos para a directoria do seu club para que factos iguaes não se repitam. **O verdadeiro sportman deve primar pela lhaneza, pela cortezia, pela lealdade e pela educação.** Não acham os vaiadores que fariam figura muito mais bonita, mais cavalheirosa se dessem palmas aos vencidos? O menos que lhe adviria era a gratidão dos derrotados. Não se lembram elles que amanhã também podem ser vencidos? Absolutamente não culpamos o Bangú A.C nem a sua directoria, mas achamos que, quanto antes, devem eliminar do seu seio esses vaiadores, que constituem elemento de discórdia, pernicioso e muito mau effeito²⁷. (Grifos meus)

Diante dessas três vias, torna-se evidente que o futebol, por mais que a elite carioca desejasse, não teve acesso limitado e prática restrita. Se Soihet destaca três vias, entre tantas outras, pelas quais a elite combatia a popularização do seu “football” é porque ele já era significativamente popular no Rio de Janeiro. Isso revela que o futebol, como qualquer outra pratica popular, não está preso a determinado segmento social. Afinal, a cultura está em constante circularização; ou nas palavras do historiador italiano Carlo Ginzburg²⁸:

Pode-se ligar essa hipótese àquilo que já foi exposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu [...] um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do “conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa” que me foi atribuído por certo crítico²⁹.

Neste pequeno trecho, além de refutar uma crítica que recebera – de alguém que talvez não tenha entendido como essa ideia é representada através da figura de Menocchio, moleiro do norte da Itália que, no século XVI, se apropriou à sua maneira de uma cultura escrita para contestar dogmas religiosos, fascinando seus inquisidores -, Ginzburg corrobora com a circularidade cultural colocada por Mikhail Bakhtin³⁰. A análise que esse autor faz sobre François Rabelais nos ajuda na compreensão dos conceitos de circularidade cultural e apropriação cultural. Segundo Bakhtin, Rabelais, autor muito popular no período moderno, conhecia os rigores clássicos e eruditos, porém os utilizava para zombar dessa tradição intelectual através de uma literatura grotesca. Seguindo tal lógica, o texto irônico de Rabelais e o carnaval, outro objeto de estudo analisado por Mikhail, evidencia como o povo zombava da realidade e da cultura erudita. Desse modo, Bakhtin criticava o significado do termo cultura popular construído no século XVIII como algo homogêneo e folclorista. Para ele, a cultura popular não é algo necessariamente ancestral e da natureza, autônoma da cultura erudita - ou quando muito controlada por ela; assim, a cultura popular está a todo momento em contato com a cultura erudita para se apropriar dela ou mesmo para se submeter a ela.

No caso do futebol na capital da jovem República, certamente houve zombaria com a

25 SOIHET, *op.cit.*

26 SILVA, Gustavo Santos da, *op. cit.*, p.134.

27 GAZETA DE NOTÍCIAS, 20 de maio de 1906, p.7.

28 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

29 O trecho pode ser encontrado no rápido prefácio à edição inglesa. GINZBURG, *op.cit.*, p.10.

30 BAKHTIN, Mikhail. “Introdução: apresentação do problema” IN: BAKTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1987.

pompa elitista carioca, porém, resgatam-se aqui outros mecanismos de apropriação cultural. Em termos metodológicos, segue-se, inicialmente, o mesmo que fez Gustavo Santos da Silva para analisar um desses mecanismos: a análise iconográfica que Mário Filho realiza sobre a figura de Francisco Carregal, primeiro jogador negro a vestir uma camisa de clube de futebol no Brasil:



Foto do time Bangu no dia de um confronto contra o Fluminense em 1905; Francisco Carregal está ao centro da foto, onde segura uma bola com a data gravada da ocasião

Bem que a fotografia merecia ser guardada num álbum. Fredrick Jacques, mestre gravador, o *goalkeeper*, está lá, atrás, de pé, entre José Vilas-Boas, diretor de esportes, e João Ferrer, presidente de honra do Bangu. João Ferrer todo de branco, roupa branca, colarinho branco, confundindo-se com o peitilho branco e a gravata branca, parecia um enfermeiro. José Vilas-Boas de fraque cinza, fechadinho em cima.

Olha-se para a fotografia e só vê bigodes. Bigodes caídos, como o de Frederick Jacques, enrolados como o de José Vilas-Boas, torcidos como o de João Ferrer. Somente três jogadores não usavam bigodes: o porteiro Justino Fortes, o inglês William Hellowell, de cara muito branca, sem sinal de buço, lisa e macia feito rosto de menino, e o brasileiro Francisco Carregal. O bigode de César Bocchialini, bem italiano, um bigodinho atrevido, de pontas finas, para cima. O de Francisco de Barros, Chico Porteiro, nada tinha de atrevido. Pelo contrário: bigode austero, pesado como a responsabilidade de um pai de família cheio de filhos. Já o de John Stark lhe dava, ajudado pelo ar manso que ele tinha, uma cara de cachorro perdigueiro, boa e amiga. E havia, ainda, o bigode de Dante Delocco, bem aparado, como o de Segundo Maffeo. O de William Procter era preto, amorena-lhe o rosto, o de James Hartley, louro, quase branco, fazia-o parecer mais velho. Também James Hartley já estava de cabelo ralo.

[...]

Nem todas as camisas eram iguais. Um tinham, bem no centro, de cima a baixo, barras do mesmo pano, de listras horizontais. Barras largas, da grossura de um punho, finas, da grossura de um dedo. Os ingleses não prestavam muita atenção a esses detalhes. Eram mais descuidados na maneira de vestir do que os italianos e os portugueses. E muito mais descuidados do que o brasileiro Francisco Carregal. Talvez por orgulho de raça superior. Francisco Carregal aparece na fotografia em primeiro plano, de pernas cruzadas, segurando a bola.

As botinas travadas de Francisco Carregal, novinhas em folha. Se não novinhas, engraxadas de manhã para o jogo. Chama atenção a diferença entre o apuro de Francisco Carregal, preocupado em não fazer feio, e o pouco se me dá de William Procter, que não ligava para essas coisas. Francisco Carregal, um simples tecelão, comprou tudo de novo: as botinas travadas, as meias de lã, os calções. A camisa, quem dava era o clube. William Procter, o mestre electricista, mandou travas, umas botinas velhas, corotou com uma tesourada uma calça branca que não servia mais, nem comprou as meias de lã que custavam oito mil réis na Casa Clarl. Enfiou o pé numa meia comum, que lhe ia somente até o meio da perna, e deixou-se fotografar de ligas pretas. As ligas pretas chegam a ferir os olhos na perna branca de William Procter. Parece até que ele não

acabara de se vestir, que viera ocorrendo lá de dentro, para a pose fotográfica, sem calças, de cuecas. Principalmente porque está ao lado de Francisco Carregal, todos vestidinhos, entre Francisco Carregal e James Hartley, que além das meias de lã, botou, cobrindo as pernas, as caneleiras. Caneleira era coisa rara, não havia por aqui, só vindo da Inglaterra. Como um verdadeiro requinte. William Procter podia descuidar-se, Francisco Carregal, não. No meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, queria parecer menos, quase branco. Passava perfeitamente. Pelo menos não escandalizava ninguém³¹. (Grifos meus)

De acordo com as palavras de Mário Filho, podemos perceber que, pelo menos para este caso concreto, as classes baixas, compostas por trabalhadores e lou negros, deveriam se utilizar dos símbolos elitizados para poder jogar o futebol. Foi exatamente isso que Francisco Carregal fez: tentou se passar, sob a hipótese do jornalista, como “quase branco”, para não escandalizar ninguém.

Contudo, continuava sim a escandalizar. Se Francisco Carregal era aceito por alguns, certamente outros negros não possuíam a mesma sorte. Caso concreto desse racismo revestido de elitismo e teorias higiênicas foi a proibição de “pessoas de cor” na Liga Metropolitana em 10 de maio de 1907: “Comunico-vos que a diretoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que **não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor**”(grifos meus)³².

A priori, essa medida poderia ser vista como o fim da participação dos negros no futebol e, conseqüentemente, como vitória da elite branca carioca em manter esse esporte como espaço apenas seu. Contudo, como já foi dito, a cultura não está congelada no tempo ou no espaço³³. As práticas culturais estão em circulação, de cima para baixo e de baixo para cima, segundo Ginzburg, e também sendo apropriadas e ressignificadas – e por isso se encontram em espaços de enfrentamento³⁴, conforme Roger Chartier: “tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objeto de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração”³⁵. O “football” já tinha respaldo popular, faltava agora lutar para que as elites entendessem que aquele jogo não podia ser somente dela, que ela não poderia controlar quem jogasse, quem torcesse ou o modo de torcer. Foi isso que os populares fizeram. Diversos clubes, liderados pelo Bangu, fundaram ligas alternativas e campeonatos dissidentes que obtiveram sucesso significativo³⁶, ressignificando aquela tradição elitista e dando a ela caráter mais popular.

Nesse sentido, Raquel Soihet chama atenção para a mudança da aceitação do negro no futebol nos anos 20. Alguns jogadores negros se destacavam nos campos, como é o caso do Domingos da Guia e Leônidas da Silva. A fama deles foi tão grande que a população reivindicava a escalação deles para a seleção brasileira³⁷. Assim que foram convocados – a contragosto de muitos – se estabeleceram como titulares incontestáveis da posição, garantindo vitórias e títulos internacionais. Ademais, o sucesso de Leônidas da Silva, inventor do “gol de bicicleta”, era tão grande que talvez seja o primeiro – ou pelo menos um dos primeiros – casos de marketing futebolístico: o jogador vendeu seu apelido Diamante Negro para a Lacta fabricar um chocolate³⁸.

31 FILHO, *op. cit.*, p.32-33.

32 GAZETAS DE NOTÍCIAS, 18 de maio de 1907, p.3.

33 ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, M. SOIHET, R. (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

34 CHARTIER, *op.cit.*

35 *Ibidem*, p.184.

36 FILHO, *op. cit.*, p.32-33.

37 SOIHET, *op.cit.*, p.296-297.

38 Algumas curiosidades sobre a vida do jogador Leônidas da Silva podem ser lidas no seguinte link: <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/09/historias-incriveis-o-mito-leonidas-diamante->

De sorte que o talento para driblar os adversários não estava só nos campos: alguns clubes, como o Club de Regatas Vasco da Gama, The Bangu Athletic Club, São Cristóvão de Futebol e Regatas entre outros, souberam se inserir na Liga Metropolitana e driblar aquelas exigências restritivas quanto à participação nos campeonatos. Uma série de trabalhos historiográficos busca analisar as artimanhas usadas pelos clubes, contudo, como o objetivo aqui é apenas observar alguns casos de apropriação cultural das classes baixas, que lutaram pelo seu acesso ao esporte, destaca-se apenas um deles: a alfabetização. Sustentando-se pelo discurso elitista, muito comum a época que o voto era restrito³⁹, exigia-se que só poderiam se inscrever na Liga⁴⁰ jogadores que saberiam ler e escrever. Para inscrever seus jogadores, conforme conta o jornalista Mário Filho, o Vasco da Gama contratou um professor particular de português para alfabetizar seus atletas em longas aulas diárias:

“O Vasco, em 24, podia estar quase tranquilo a respeito da prova da papeleta de inscrição. Pelo menos, em Morais e Silva, os jogadores, todas as noites, passavam por ela. O que lá não faltava era uma papeleta de inscrição igualzinha às da Liga”⁴¹

Esse caso é bem icônico por uma série de motivos. No que tange à ideia de apropriação cultural desenvolvida por Roger Chartier, o relato é bastante ilustrativo. Em uma cidade na qual poucos sabiam ler e escrever, trabalhadores negros, marginalizados das vias legais da cidadania e sem muitas possibilidades de ascensão social⁴², se apropriavam do elemento mais simbólico da cultura erudita: as letras. Ainda, aprendiam aqueles códigos linguísticos da cultura letrada para se adentrar em um espaço, conforme se pode observar, que a elite carioca desejava reservar somente para ela.

Nos anos 30, as mudanças ocorrem mais rapidamente, segundo a percepção de Raquel Soihet. A década já se inicia com uma forte campanha em prol do profissionalismo, na qual Mário Filho teve papel importante, pois utilizava seu posto de editor do setor esportivo do jornal *O Globo* para defender a profissionalização daqueles jogadores⁴³. Essa campanha servia, além de projeto de identidade nacional do governo varguista⁴⁴, à maior democratização do esporte, afinal o atleta poderia receber pelo clube, não precisando mais ter um emprego ou outro tipo de renda como outrora. Assim, tanto o negro pobre quanto o branco rico poderiam se dedicar unicamente ao futebol, enquanto no passado o pobre não podia se dar a esse privilégio. As tensões entre os defensores do amadorismo – e consequentemente do elitismo – e do profissionalismo⁴⁵ continuaram até 35, quando a imprensa alertava para “a necessidade da oficialização do esporte com vista à harmonia buscada pelo governo”⁴⁶. Para a historiadora, corroborando com a visão de Décio de Almeida Prado, todo esse processo culminou em 1938, quando a formação da seleção nacional foi à disputa do Campeonato Mundial na França:

da-bola-batiza-chocolate.html (Acesso: 28/06/2017)

39 Para mais informações sobre a participação cidadã pelas vias legais, a leitura do livro “Os bestializados: o rio de janeiro e a república que não foi” é, mais uma vez, fundamental.

40 Nos anos 20 surgiu a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Amadores), outra instituição que buscou gerir o futebol carioca. Contudo, seu caráter era mais elitista que o da Liga Metropolitana, na qual os clubes grandes ou pequenos tinham o mesmo peso no voto. Esse caráter da AMEA era tão acentuado que Mário Filho a chama de “liga de clubes de brancos”, enquanto a Liga Metropolitana passou a ser considerada “liga de clubes de brancos, mulatos e pretos, tudo misturado”. FILHO, *op.cit.*, p.133.

41 FILHO, *op.cit.*, p.132.

42 CARVALHO, *op. cit.*

43 SOIHET, *op.cit.*

44 FRANCO JR., *op.cit.*

45 Para mais detalhes, ler: FRANCO JR., *op.cit.*

46 SOIHET, *op.cit.*, p.299.

A equipe formada resultou desse movimento que marcou a história do futebol, caracterizado pelas investidas dos populares quanto a sua participação efetiva nesse jogo contrapondo-se à elite que pretendeu excluí-las. Pela primeira vez terminavam as divisões entre amadores e profissionais, como os impedimentos à presença dos jogadores negros⁴⁷.

Considerações Finais

Conforme a análise demonstrou, o início do futebol no Brasil não era um elemento pertencente à cultura popular como hoje. Muito pelo contrário, tinha um projeto elitista de existência, seja pelos altos custos da filiação aos clubes esportivos, pelas regras da Liga Metropolitana, pelo discurso higienista ou por outros meios restritivos. Entretanto, corroborando com a tese da historiografia que trabalha com a História Cultural, a cultura não está congelada no tempo ou no espaço; ela está circulando a todo momento, sendo reapropriada e ressignificada constantemente. Assim, de acordo com as linhas acima, por mais que as elites cariocas desejassem o esporte apenas para si, o futebol se popularizou.

Dessa maneira, o propósito deste trabalho não é só resgatar uma pequena parte do passado republicano, mas, além de revisar as práticas sociais e culturais daquela época, reafirmar a posição crítica da História Cultural. Ao contrário do que diz a visão ultrapassada sobre essa linha historiográfica, as práticas culturais estão inseridas em campos de disputas, nos quais conflitos, interações e tolerâncias se relacionam⁴⁸. Esses campos de enfrentamento são, conforme a lógica de Peter Burke, marcados por “apropriações e opções dos próprios agentes sociais”⁴⁹. A apropriação de símbolos – demonstrada em parte pela análise iconográfica de Francisco Carregal feita por Mário Filho –, a alfabetização dos atletas durante os anos 20, e a luta pelo profissionalismo, dentre várias outras disputas pelo acesso ao futebol, reforçam a ideia de enfrentamento no cotidiano cultural no período observado.

Por fim, as disputas em relação ao acesso ao futebol, dos finais do século XIX e durante as primeiras décadas do XX na cidade do Rio de Janeiro, evidenciam que os estudos sobre a cultura e suas práticas são mais complexos do que apenas mera curiosidade. Diversos historiadores, como Edward P. Thompson⁵⁰, Raquel Soihet, Martha Abreu⁵¹, Antonio Herculano Lopes⁵², Karla Carloni⁵³, Maria Clementina Cunha⁵⁴, dentre vários outros, demarcam o campo da História da Cultura como crítico na historiografia contemporânea. Afinal, a cultura está completamente relacionada com os modos de produção, os conflitos sociais, as segregações raciais, a luta de classes, as práticas e manifestações políticas entre muitos assuntos sociais caros à historiografia. Ou melhor, conforme respondeu o próprio Thompson ao historiador R. S. Sharma, que disse “sem produção não há história”: “sem cultura não há produção”⁵⁵.

47 *Idem*.

48 ABREU, *op.cit*.

49 *Ibidem*, p.91.

50 THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

51 ABREU, M. SOIHET, R. (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

52 LOPES, A. H. “Vem cá, mulata!”, *Tempo*, 2009, nº26, p.80-100.

53 CARLONI, Karla. “Em busca da identidade nacional: bailarinas clássicas dançam maracatu, samba, macumba e frevo nos palcos do Rio de Janeiro (1930-1945)”, *Revista ArtCultura*, v.16, nº 29. Uberlândia, 2012.

54 CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

55 SOIHET, Raquel. “Introdução” In: ABREU, M. SOIHET, R. (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p.15.